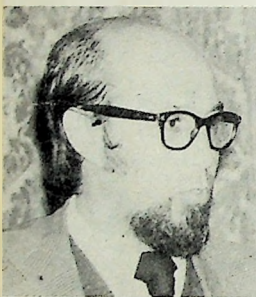


CAMPESINO (O)	Lisboa	
DOMINGO	Coimbra	
JORNAL DE QUELUZ	Queluz	
PAÍS (O)	Lisboa	22 OUT. 1976

387

PROSEGUIMOS hoje com o problema da Universidade do Minho. Deslocámo-nos a Guimarães, cidade-berço de Afonso Henriques e cidade-mãe da nacionalidade portuguesa, agora uma das cidades com maior número de complexos fabris do ramo têxtil que lhe dão vida, e que reivindica a parte das Tecnológicas da dita Universidade contestada por Braga que pretende a concentração. Quem tem razão?

A Universidade do Minho em foco



Após ouvirmos o presidente da comissão administrativa da entidade bracarense, escutámos Edmundo Marques, presidente da comissão administrativa da Câmara de Guimarães, a quem principiamos por perguntar:

“O PAÍS” — Que se passa com a Universidade do Minho, contestada por Guimarães a sua concentração em Braga?

Edmundo Marques — Nós consideramos esse assunto encerrado e não queremos falar mais nele desde que um Governo constitucional com a força que a própria Constituição lhe dá decidiu manter a bipolariza-

ção que anteriores despachos ministeriais outorgavam tal bipolarização, ficando a parte das Tecnológicas em Guimarães e o restante em Braga. Até acho que deve ser em Braga o ramo das Línguas e das Ciências Humanas, pois Braga tem maior capacidade de alunos para esses cursos que Guimarães o que não acontece com as Tecnológicas em que nós temos muita gente para o frequentar visto sermos o maior concelho fabril do Minho.

Eu acho que não tem mais interesse falar neste problema resolvido. É especular um assunto arrumado.

— Recentemente, após a manifestação aqui em Guimarães foram a Lisboa. Na capital com quem falaram e o que ficou assente?

E.M. — Isso tem de se fazer um historial mais completo. Como sabe, a população de Guimarães está cheia de ser espoliada nestas e noutras coisas, não só por Braga mas até pelo próprio País que nunca considerou esta região tal qual ela é. A zona de Guimarães ou a zona do Vale do Ave é uma região das maiores do País, tem perto

de 600 mil habitantes, é uma zona industrial por excelência e desde sempre que foi ultrapassada em todas as suas pretensões. Acontece que agora o Povo está hiper-sensível e reage sobre qualquer coisa em que se possa sentir prejudicado. Para além do teor em que se fez uma reunião aqui na Câmara, em que os ânimos estavam exaltados de certo modo, nós entendemos que não era oportuno fazer pressões. Ao contrário do que diz a ADIM não se tratou de pressões, não se tratou de grupos que procuram mobilizar as populações, não é nada disso. A reunião estava realmente sensível, a população estava excitada, tratou-se de acalmar a população e dizer que finalmente tínhamos um Governo que era capaz de decidir com Justiça quando o problema lhe fosse posto com Justiça. Daí o terem ido a Lisboa, não a população em peso, como o dizem, não fazer pressões junto do Governo, mas os representantes reais das populações, a Câmara e um dos deputados pelo círculo, que foram ao Ministério da Educação Nacional, onde fomos recebidos pelo secretário

de Estado do Ensino Superior e o chefe do Gabinete a quem pusemos o problema, sem mezer cunhas, sem fazer pressões de qualquer espécie, nem pedidos. Dissemos-lhes: “É tempo de o Governo definir concretamente o que é a Universidade do Minho e de uma vez por todas. Esclareçam. Se é um sistema bipolar é um sistema bipolar, se é uma Universidade concentrada é um sistema concentrado. Não vimos pedir A ou B, que seja assim ou seja assado. Estamos aqui para dizer que é tempo para acabar com o problema da Universidade do Minho, que está a prejudicar a região e está a criar rivalidades que não têm razão de existir e está a prejudicar e a destruir a própria Universidade. Portanto, é tempo de o Governo constitucional dizer como vai ser”. E o Governo disse que é uma solução bipolar, entende que é assim que defende os interesses da região, nós também o entendemos, porque se reconhecermos a Braga um certo “handicap” intelectual em relação a Ciências Humanas temos que admitir que é em Guimarães que se situa a Indústria, portan-

to que é aqui que precisam de uma Faculdade de Tecnologia e que é aqui que deve ser colocada a parte técnica da Universidade do Minho.

Tudo quanto mais falarmos acerca da Universidade do Minho é acirrar problemas que não têm nenhuma razão de existir. Nós não temos nada contra Braga nem contra o Minho, nem Braga e o Minho têm alguma coisa contra Guimarães. São populações que defendem os seus interesses e o bem estar dos seus filhos.

— Aonde irá aqui ser instalada a Universidade?

E.M. — Parece-me que a Comissão Instaladora é que pode responder a essa pergunta, visto que é ela que tem autoridade para definir o local a ocupar pela Universidade. O que a Câmara indicou e que a própria Comissão Instaladora já aprovou é junto ao Liceu, entre este e o Castelo, muito perto do centro da cidade.

— Há anos que Braga e Guimarães se rivalizam, tendo sempre questões. Nesta reunião da Câmara essa rivalidade foi novamente avivada?

E.M. — Não há rivalidades.

Há sim uma espécie de má vontade contra Guimarães, julgo nada se tratar entre as populações. É uma simples análise da situação geográfica e física das duas cidades, desde tempos imemoriais que as populações se estendem ao longo dos vales dos rios. Não há dúvida nenhuma que o crescimento natural de Guimarães é no sentido da foz do rio Ave, porque é neste vale que as populações se têm fixado. Enquanto o crescimento de Braga é no sentido da foz do rio Cávado. Isso é inegável e é “contra natura” fazer qualquer tentativa de junção entre Guimarães e Braga, como fazê-lo com o Porto, que se situa no vale do Douro. Entre o Porto e Guimarães há a serra da Agrela e entre Guimarães e Braga há a serra da Mourreira. Guimarães é uma zona absolutamente demarcada e definida.

Guimarães tem de crescer em toda a região do vale do Ave, englobando Famalicão, Santo Tirso, Fafe, toda a parte que compõe a região do vale do Ave. E tempo de o Governo vir estudar esta região.

— Portanto quer dizer que

continua na pág. 20

Universidade do Minho

continuação da pág. 8

Famalicão deixaria de pertencer a Braga para pertencer a Guimarães?

E.M. — Nada disso. Nós não queremos que Famalicão pertença a Guimarães, como Guimarães não pertence a Braga nem a Famalicão. Sabe que é anticonstitucional a existência de distritos. A que título vem o "pertencer"? Dai vem o grande problema entre Guimarães e Braga. Acontece que a grande força de trabalho de Guimarães, a grande força de trabalho de Famalicão, a grande força de trabalho de muitos dos concelhos do distrito de Braga são analisados para o desenvolvimento só de uma cidade que é Braga. Isto é que as pessoas de

mento são anticonstitucionais. Essa justificação não tem validade alguma. Pois o Banco de Portugal pretende reestruturar os seus serviços, encantado, vamos ver como, aonde, e porquê e a partir daí vamos definir o que ele deve fazer. Estou em cima do problema, estou em contacto com a administração do Banco e estou convencido que a delegação aqui não fechará porque não se justifica que encerre.

— Até porque a delegação aqui é necessária visto ser um meio fabril?

E.M. — A delegação do Banco de Portugal, tal como esteve até agora não é precisa. Ela é precisa porque o Banco de Portugal tem de se reestruturar e tem de se modificar. Mas isso não pode ser objecto de apreciação neste momento. Há que saber porque é que fecham as delegações e há que saber onde há movimento que justifique a existência de delegações. Aí falam os números. O Banco de

Portugal tem balancetes das suas próprias delegações para justificar o fechar ou não em determinados locais.

Aliás, eu pretendia abrir um parêntese para dizer que Guimarães nunca reivindicou nada dos outros. Tudo que quer baseia-se no seu próprio trabalho e nos seus próprios números. Quando se tratar de se decidir alguma coisa com respeito a Guimarães que ponham os números a falar, que ponham as realizações ao de cima. Se assim procederem, Guimarães nunca reclama, nunca contesta, nunca faz manifestações. É um povo ordeiro. Apesar de terem rebentado bombas em Braga, no Porto, em Lisboa e noutros locais, em Guimarães nunca rebentou uma bomba porque aqui não se pensa em bombas mas sim em trabalho, honesto e correcto. Naturalmente, não pretendemos tirar nada a ninguém, pretendemos só que nos deixem viver. Dai a certeza de que quando se faz uma manifestação em

Guimarães ela tem razão de ser.

— Portanto, concluo que Guimarães tem números justificativos para reivindicar para si a parte da Universidade referente às Tecnológicas?

E.M. — Não tenho números. Não lhe posso dizer quantos alunos há em Guimarães para frequentarem as Tecnológicas, porque não há Universidade para julgar. O que lhe posso é dizer que em Guimarães anunciou-se há dias que ia funcionar o liceu nocturno e no dia seguinte havia perto de duzentos alunos matriculados. Temos uma escola técnica a funcionar em pleno com aulas nocturnas e os alunos não cabem todos lá. Temos uma escola secundária a funcionar com aulas nocturnas e os alunos existem quando existem aulas para lhes ministrar. Portanto, qualquer cómputo de alunos que irão frequentar as Tecnológicas é fictício, porque se ela ainda não existe nós não podemos saber o que acontecerá quando ela exis-

tir. Se me perguntasse no ano passado quantos alunos iriam frequentar o liceu nocturno eu dir-lhe-ia que não havia, e este ano estão cerca de duzentos. Aí a resposta.

Mas como lhe já tinha dito a Universidade do Minho é um assunto que já morreu e nem tem agora interesse nem interessa discuti-lo. Interessa agora construir o futuro. O que Guimarães precisa é que a deixem trabalhar como também já disse. Precisa que o Estado apoie como nunca fez até agora. Precisamos que nos dotem de escolas. Mesmo de muitas escolas. Temos 73 freguesias quase todas a funcionar com cursos triplos nas escolas do ensino primário. Temos uma escola do ciclo com 3200 alunos e está-se a construir uma nova para 800. Eu pergunto para onde vão os restantes. Temos problemas de saneamentos. Temos problemas de água. Temos problemas de infra-estruturas. Temos 130 000 pessoas num concelho que é o maior do Minho em po-

pulação e que foi sempre diminuído em relação às participações que vieram para outras cidades. O que Guimarães precisa é que a deixem viver num lugar que lhe compete, que a deixem trabalhar com a população que tem e que o Estado (eu não queria fazer aqui uma crítica) se nos não apoiar, pelo menos que não nos trave. Que nos deixe viver a nossa vida e Guimarães há-se dar provas do que é, e daquilo que pretende.

Se me permitisse eu aproveitava a presença de "O PAIS" para anunciar que o Parque Industrial em Guimarães é um facto. Enquanto ainda só está em papel, enquanto está a começar, ele já está quase totalmente cheio. Conheço parques noutras regiões do País que não têm clientes para encherem as suas instalações. Quem quiser que julgue porquê. Quem quiser alargar a indústria que vá procurar justificação a este facto.

José Gonzales